

Revista de Agricultura

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes

REDACTORES

Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Westin Vasconcellos

Vol. 6

Novembro - Dezembro de 1931

N. 11 e 12

REVOLUÇÕES AGRARIAS

A crise economica internacional e o cortejo dos "chômeurs", em todos os paizes europeus e americanos, ainda são consequencias do abalo determinado pela guerra mundial. Originar e continuar, com effeito, na carnificina é um phenomeno relativamente facil, dado o apuro destruidor attingido pela nossa civilização. Os effeitos, todavia, vêm tarde, muito mais tarde. Imprevistos, fataes, desorganizando toda a architectura social, economica, politica, juridica, sobre que repousava o mundo. "The bill comes later" — affirma um velho brocardo britanico... Assim, com as grandes revoluções agrarias de nosso momento historico. Quem não descortina, nesse levante de milhões de camponezes, nessas ondas sociaes revoltas, pedindo terra, rebellando-se contra o feudalismo economico do "avant guerre", uma das manifestações do espirito de reforma e de insatisfação, que se apoderou das multidões? Em todos os paizes -- na Russia, na Polonia, na Rumania, nos Balkans, no Oriente europeu, como no "Midi", na bacia mediterranea, como na Italia, no Mexico, como no Perú e, porque não dizel-o? no Brasil tambem — a mesma vaga subterranea, em ebulição contra o obsoleto conceito da propriedade agricola, as mesmas aguas encolerizadas, ameaçando espraiar-se caso não se lhes outorgue o direito de viver e de agricultar tranquillamente o seu pedaço de territorio. O bolshevismo encontrou, de facto, o seu sustentaculo em uma revolução agraria. Não é tambem a base social das novas nacionalidades, que confinam com as Republicas socialistas, de fundo essencialmente agrario? Lucien Romier, em seu estudo analytico sobre a Europa do Éste, tece os seguintes conceitos: "Communismo russo, agrarianismo do Danubio, e dos Balkans, socialismo austriaco e germanico, fascismo italiano mesmo, succedendo se a um ensaio de communismo, tudo foi uma só torrente revolucionaria, um mesmo reflexo da psychologia collectiva: reflexo da massa popular que, chamada a defender o patrimonio que as classes dirigentes baptizaram de

“nacional”, exigia em “revanche”, uma distribuição melhor desse patrimonio, paga antecipadamente pelo sangue e os soffrimentos do povo”. No Anáhuac, em pleno coração do Mexico onde tantas civilizações nasceram, alcançaram o seu Meio-Dia e declinaram, sem concederem, porem, ao “peon” o privilegio de uma nesga de solo, não luta o indio ha seculos para possuir a terra que foi de seus antepassados? No Egypto, o “fellah” reclama para a sua pessoa e a sua raça a posse do Nilo e de seus alluviões abyssinicos. Na India, na China, quase em toda a Asia, não estruge o mesmo clamor? “A terra para os asiaticos!” Uma só reivindicação, um só aneio, um grande coração a pulsar. E como os povos se mostram sublimes na defesa de sua “base physica”, na disputa do torrão sagrado! A revolta dos “nativos” contra os dominadores — é ainda o mesmo pensador gaulez quem fala — será o problema colonial do seculo XX, como a ascensão das massas operarias, trabalhadoras e camponezas para a conquista do poder social e politico, todo o problema europeu... Quiçá universal. Estamos realmente em um verdadeiro “tournant” historico, caracterizado pela participação cada vez mais crescente das massas politicas e economicas nos destinos nacionaes. Essa circumstancia, isto é, o facto de as multidões tenderem a dominar mais e mais os postos de direcção publica contemporanea, gerou, todavia, uma outra concepção da existencia dos povos. Não é verdade que as massas fazem da idea de prosperidade collectiva o ponto culminante da politica mundial? Como essa prosperidade não se seguiu ao conflicto de 1914; como as multidões, ao envez do bem estar e da fortuna, depararam com a miseria e a angustia economica, maior é sua exasperação, agora. A Revolução deu-lhes o poder ou parte delle. Mas não lhes trouxe a Jauja da abundancia. Não é, pois, bem possivel que estejam dispostas a conduzir mais adiante sua ansia destruidora? São ainda felizes e estaveis as nações que, escutando o fragor das tormentas sociaes, concedem ás suas massas pão, terra e liberdade. As que em presença das primeiras catadupas, ao envez de erigirem diques, constroem planos inclinados por onde ellas se escoem suavemente, nada destruindo. Esses planos serão feitos á custa de uma intelligente legislação agraria, da collaboração das massas nas funcções do governo moderno, no arejamento dos organismos sociaes contemporaneos. Dest’arte, permite se a ascensão e o affloramento dos valores autenticos, de quantos, enfim, tenham uma palavra a dizer ao mundo e u’a mensagem a dirigir ás democracias, afim de que ellas não pareçam de asphyxia ou de incapacidade para solucionar as suas questões organicas e vitas.